

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

Higor Luiz Miguel

**AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE NA CONSTRUÇÃO
DE UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA**

Itatiba

2020

Higor Luiz Miguel - 002201701428

**AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE NA CONSTRUÇÃO
DE UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade São Francisco,
como requisito parcial para obtenção do título
de licenciado em Pedagogia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Milena Moretto.

Itatiba

2020

*Dedico este trabalho aos meus pais – Nair e José,
por terem me dado a oportunidade mais valiosa de
todas: a vida, além de terem me ensinado a lutar
pelo que acredito com seus exemplos de vida e
ensinamentos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade de chegar até aqui, concluindo uma etapa importante da minha formação, com saúde, esperanças e fé naquilo que acredito – na educação.

Agradeço também, a toda a coordenação e corpo docente do curso de Pedagogia, que muito me ensinaram ao longo desses quatro anos de formação. São profissionais que merecem todo o carinho e todos os aplausos que puderem, pois, além de serem exemplos de profissionais, são também exemplos de pessoas em quem eu me sinto orgulhoso de ter como referência. A cada um dos professores que passaram por mim, recebam o meu singelo “obrigado”.

Fazendo um recorte desses profissionais, destaco minha orientadora – professora Dra. Milena Moretto, que aceitou esse desafio de me orientar e me ensinar os caminhos da pesquisa com muita paciência e maestria, a quem eu serei eternamente grato.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma, por tudo que vivemos juntos ao longo desses 8 semestresem que vivemos alegrias, tristezas, risos, choros. Em especial a minha querida amiga Tatiane Maria Mendes, amiga de todos os trabalhos e seminários, que com toda certeza será uma profissional muito especial.

*Se não posso, de um lado, estimular os sonhos
impossíveis, não devo, de outro, negar quem
sonha o direito de sonhar
(Paulo Freire)*

MIGUEL, Higor Luiz. **AS ASSEMBLEIAS DE CLASSE NA CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA DEMOCRÁTICA**. Trabalho de conclusão de curso. 2020. 52p. Universidade São Francisco, Itatiba/SP.

RESUMO

As assembleias de classe são recursos utilizados pela gestão escolar, a fim de estabelecer por meio do diálogo e da reflexão, um ambiente escolar mais justo. Assume uma grande importância na escola, uma vez que, muito se fala em gestão democrática e participativa, porém, não se utilizam recursos como esses, que dão voz e vez aos estudantes para que participem das tomadas de decisões e exercitem a democracia. O presente trabalho tem como objetivo compreender se as assembleias têm contribuído para a construção de um ambiente escolar mais democrático. Tem ainda como objetivos específicos: 1) Identificar se a assembleia tem sido realizada no contexto escolar; e 2) Compreender como as relações dialógicas realizadas por meio da assembleia podem afetar o contexto escolar. Para responder a essas questões, pautando-nos na perspectiva enunciativo-discursiva, realizamos entrevistas narrativas com dois gestores de escolas municipais de ensino fundamental da cidade de Itatiba, visando analisar se as reuniões são utilizadas. Após as análises das entrevistas, pode-se evidenciar que, dos dois gestores, apenas um realiza o trabalho com assembleias de classe. Porém, o outro utiliza recursos similares, que partem do mesmo ideal a fim de construir um ambiente escolar dialógico e democrático, reforçando o quanto essas práticas são importantes no cotidiano escolar.

Palavras-chave: assembleia; democracia; gestão escolar; autonomia; sociedade.

ABSTRACT

The class assemblies are resources used by school management, in order to establish, through dialogue and reflection, a fairer school ambience. It assumes a great importance in school, since, much is said about democratic and participative management, however, resources like these are not used, which gives to student's time and voice to participate in the decision making, that exercises the democracy. This research aims to understand if assemblies have contributed to the construction of a more democratic school ambience. It also has as specific objectives: 1) Identify if the assembly has been held in the school context; and 2) Understand how the dialogical relations held by assembly can affect the school context. To answer these questions, ruled on the enunciative-discursive perspective, narrative interviews were done with two municipal elementary school managers in the city of Itatiba, aiming to analyze if the meetings are being done. After the interviews analyze, it can be shown that, from these two managers, only one does the class assembly. However, the other manager uses similar resources, which starts from the same objective in order to build a dialogical and democratic school ambience, reinforcing how important these practices are in the school routine.

Key words: assemblies; democracy; school management, autonomy; society

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os sujeitos da pesquisa.....	32
Quadro 2: A realização das entrevistas.....	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – NAS VOLTAS DA VIDA	12
1.1 – Era uma vez.....	12
CAPÍTULO 2 – O DIÁLOGO COMO ATO FUNDAMENTAL NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA BAKHTIN E FREIRE	21
2.1 – Bakhtin: O diálogo como conceito norteador da perspectiva bakhtiniana.....	21
2.2 – O diálogo como uma das formas de emancipação: uma discussão em Paulo Freire.....	23
CAPÍTULO 3 – UM OLHAR PARA A ESCOLA DEMOCRÁTICA	26
3.1 – A escola e sua função social.....	26
3.2 – As assembleias de classe.....	28
CAPÍTULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
4.1 – A abordagem	31
4.2 – Objetivos da pesquisa.....	31
4.3 – Contexto da pesquisa.....	32
4.4 – Os sujeitos da pesquisa.....	32
4.5 – A entrevista narrativa como instrumento para produção de dados.....	34
4.6 – Os procedimentos de análise.....	37
CAPÍTULO 5 – O PAPEL DO GESTOR NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DIALÓGICO E DEMOCRÁTICO	38
5.1 - Trajetória profissional e o papel do gestor na escola pública.....	38
5.2 - As assembleias de classe e as relações dialógicas em prol de uma educação democrática.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

Desde a idade antiga, com o surgimento da instituição “escola”, encontra-se uma estrutura tradicional, voltada para as didáticas clássicas, com intuito de formar indivíduos para o mercado de trabalho, através de métodos de transmissão de conhecimento, que pouco favorecem o desenvolvimento de outros aspectos sociais e morais.

Não se pode olvidar que a sociedade mundial se desenvolveu de maneira progressiva ao longo dos séculos, acompanhando as tendências mercadológicas e tecnológicas, continuando a escola a ser uma das mais importantes instituições.

Ocorre, porém, que algumas delas não acompanham esse avanço, mantendo-se nos mesmos moldes tradicionais do passado – fileiras de carteiras, quadro negro e adultos que delegam ordens. Sobre essa última, importante ressaltar que, por vezes, a escola desenvolve seu trabalho principal, mas não oferece didática e espaço para que as crianças possam contribuir nas tomadas de decisões, na resolução de conflitos, dentre outros aspectos que contribuem na formação moral do indivíduo, bem como na construção de um espaço escolar democrático.

Sobre democracia, não há como negar que faz parte do cotidiano, seja por se tratar do sistema nacional de governo ou nas pequenas ações do dia-a-dia como o respeito às leis, regras, pessoas, meio ambiente, etc., sendo as assembleias de classe um recurso facilitador para se trabalhar tais conceitos.

Nesse sentido, acreditamos que as assembleias apresentam-se como um importante recurso pedagógico, capaz de colaborar com a gestão escolar, na medida em que, ao se trabalhar com elas, as crianças desenvolvem não só conceitos disciplinares e intelectuais, como também, morais, sociais e democráticos, tornando-se adultos mais conscientes de seu papel social.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender se as assembleias têm contribuído para a construção de um ambiente escolar mais dialógico e democrático. Tem ainda como objetivos específicos: 1) Identificar se a assembleia tem sido realizada no contexto escolar; e 2) Compreender como as relações dialógicas realizadas por meio da assembleia podem afetar o contexto escolar.

Para que o trabalho atinja os objetivos alcançados, optou-se por realizar entrevistas narrativas com a equipe gestora de duas escolas da rede municipal de Itatiba.

Portanto, o presente trabalho está organizado em 4 capítulos, além da presente introdução. No Capítulo 1 – Nas voltas da vida, o pesquisador faz um memorial, resgatando lembranças e passagens que o fizeram chegar até o presente momento, bem como, o motivo pelo qual escolheu o presente tema.

Já no capítulo 2 – O diálogo como ato fundamental na educação: um olhar para Bakhtin e Freire, buscou-se estabelecer alguns dos conceitos de Mikhail Bakhtin e Paulo Freire, relacionando-os com o tema sugerido. Aqui, o pesquisador optou em subdividir o capítulo em 2 seções: 2.1 Bakhtin: O diálogo como conceito norteador da perspectiva bakhtiniana: que aborda os conceitos de Bakhtin tais como interação verbal, dialogismo e polifonia e, 2.2 – O diálogo como uma das formas de emancipação: Uma discussão em Paulo Freire: Aqui, foram trabalhados os conceitos de silêncio, antidiálogo e pedagogia bancária, estabelecendo os dois subitens ao contexto do tema proposto.

No capítulo 3 – A teoria como fonte de pesquisa, que também foi subdividido em 2 seções, sendo: 3.1 – A função social da escola: Aqui, optou-se em trazer a escola, desde seus primórdios e relacionando-a com a sua função na formação humana; 3.2 – As assembleias de classe, que apresenta o conceito e qual a utilidade desse recurso.

No capítulo 4 – Procedimentos metodológicos: o pesquisador traz a abordagem, objetivos, contexto, sujeitos da pesquisa, bem como, a entrevista narrativa como instrumento para análise de dados e os procedimentos da análise.

Já no capítulo 5 - O papel do gestor na construção de um espaço dialógico e democrático, o pesquisador dividiu em 2 subitens: 5.1 - Trajetória profissional e o papel do gestor na escola pública: em que é apresentado a trajetória dos gestores e suas relações com a escola pública e, 5.2 - As assembleias de classe e as relações dialógicas em prol de uma educação democrática: Aqui, são apresentadas as análises das entrevistas e a relação com o tema em discussão, bem como a teoria que baseia o trabalho.

Posteriormente, nas considerações finais, serão apresentados os resultados obtidos pelo pesquisador e sua conclusão em relação à pesquisa desenvolvida. Por fim, nas referências bibliográficas, o pesquisador apresenta todo o suporte teórico utilizado para que o presente trabalho fosse realizado. Espera-se que o presente trabalho possa contribuir na formação de futuros pedagogos, bem como, para os profissionais que já atuam na área e se identificam com o tema.

CAPÍTULO 1 – NAS VOLTAS DA VIDA

Neste capítulo, apresento um pouco da minha trajetória pessoal, buscando nas lembranças mais profundas as passagens e memórias que me fazem compreender um pouco do indivíduo que me constituí até o presente momento, bem como, o que espero para o futuro.

Olhar para si e reconstruir sua trajetória é uma tarefa complexa, mas que traz emoções esquecidas, situações marcantes e sentimentos que nos fazem voltar no tempo e entender muita coisa até então não compreendida. Toda essa “estrada” já foi percorrida e hoje, olhando para trás, vejo que ainda falta muito pela frente, tendo como ponto de partida a graduação em Pedagogia.

1.1– Era uma vez...

*“Eu daria tudo que eu tivesse
Pra voltar aos dias de criança
Eu não sei pra quê que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança”¹*

(Ataulfo Alves)

A canção “Meus tempos de criança” do cantor Ataulfo Alves foi a primeira melodia que me veio à cabeça no início desse escrito. Apesar de não ser nascido na época de seu lançamento, fica evidente em sua letra e interpretação, algo que compartilho: a saudade da infância.

Nasci na manhã de um domingo frio, no dia 27 de maio de 1990, na cidade de Itatiba/SP. Sou filho caçula de José Luis Miguel e Nair Honório da Silva, ambos de famílias simples, que têm suas raízes na zona rural, mais precisamente no bairro Tapera Grande, onde também nasci e vivi até os meus 5 anos de idade.

Meus pais não tiveram oportunidades de estudar, sendo que minha mãe concluiu apenas a 4ª série do antigo primário, pois, segundo meu avô, “mulher não precisava estudar, bastava saber ler e escrever”, sendo encaminhada para o trabalho de babá e empregada doméstica aos 10 anos de idade. Já o meu pai, cursou até o 5º ano, não chegando a concluir

¹ Trecho da música “Meus tempos de criança”, lançada em 1956, pelo cantor Ataulfo Alves.

por não gostar de estudar, auxiliando meus avós nos serviços menores da fazenda em que moravam.

As primeiras recordações que me vêm à mente são de quando eu tinha 3 anos de idade, brincando no casarão antigo em que morávamos, ainda na Tapera Grande. Esse casarão sempre me intrigou pela sua construção, pelo chão de cimento vermelho ou “vermelhão”, como dizem. Lembro-me de que, todos os dias, acordava muito cedo e em meu berço, ficava olhando para o telhado antigo com telhas de barro, afinal, não existia forração, esperando minha mãe se levantar.

Como esquecer de minha mãe fazendo seus afazeres domésticos, principalmente utilizando a extinta enceradeira pela casa, deixando o chão com um brilho sem igual, além de passar roupa escutando seu pequeno rádio, que ficava sintonizado na rádio globo e rádio capital, especificamente nos programas da Sônia Abrão, Gil Gomes, Eli Corrêa e Paulo Barbosa.

Em 1994, meu irmão ingressou na educação infantil, na EMEI Pixoxó, escola do bairro e no primeiro dia fez um verdadeiro escândalo, disse que só ficaria se eu ficasse também. Depois de muito negociar com a professora e com a diretora, foi autorizada minha permanência até que ele se sentisse mais confiante. Conclusão: todos os dias, tinha choro e eu acabava ficando na sala com ele, sendo que essa “novela” se estendeu até o término do ano, ou seja, eu frequentei a escola, participava de tudo, porém, não era matriculado e não estava na idade.

Deste período, muitas são as lembranças, dentre elas, o cheiro da merenda, as brincadeiras de roda na área externa da escola, da sala de aula ampla, do cheiro dos brinquedos de madeira, da estrada de terra que andávamos todos os dias para chegar até a fazenda em que morávamos, enfim, recordações marcantes.

Já no ano de 1995, nos mudamos para o bairro San Francisco, no qual resido até hoje. Essa mudança foi muito assustadora, afinal, sempre ouvia maus comentários a respeito do bairro e morria de medo, além de ser uma realidade totalmente diferente da zona rural, com todos os perigos e restrições que uma zona urbana traz.

Em 1995, finalmente na idade correta de frequentar a educação infantil, minha mãe me matriculou na escola do bairro: a EMEI Pintassilgo. Era uma escola pequena, contando apenas com 3 salas de aula na época, mas o que realmente encantava era o parque de areia, com escorregador, gira-gira, balanço, local de muitas “aventuras” infantis e que foi palco de muitos momentos inesquecíveis.

Minha professora se chamava Rose Magoga. Lembro-me de que era uma moça muito bonita, de cabelos escuros e estava sempre bem vestida. Era atenciosa, nos ensinava tudo com muita paciência e dedicação.

Nesse período, levávamos lanche de casa nas lancheiras. A minha era verde em forma de maleta, que vinha acompanhada de uma minigarrafa térmica, que sempre ia com suco ou leite com chocolate. Tal prática era constrangedora, pois algumas crianças sequer levavam lancheira, o que gerava a famosa “vontade”, sendo rapidamente solucionada pelas professoras com o compartilhamento do lanche, numa espécie de piquenique, em que todos compartilhavam um pouco do que levavam.

Já no ano de 1996, continuei a estudar na EMEI Pintassilgo, dessa vez com uma nova professora – Fernanda Carminatti. Assim como a “prô Rose”, ela também era muito especial para mim, apesar de ser um pouco mais brava. Sempre fui detalhista e observador e quando me lembro dela, me vem à mente seus cabelos loiros, suas calças jeans de cintura alta e do seu tênis branco ou “keds”, que eram moda na época.

Minha vida nesse ano se resumia em ir à escola, voltar para casa, brincar e assistir televisão, sendo meus programas preferidos o Rá-tim-bum, Castelo Rá-tim-bum e Mundo da Lua, ambos da TV Cultura, além dos desenhos que passavam na sessão desenhos no SBT tendo como apresentadora a Vovó Mafalda.

Fato importante foi que, em 1996, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação fora aprovada, estabelecendo a idade correta para os níveis de ensino. Lembro-me de reuniões na escola em que a diretora explicava para os pais o novo documento, sendo que algumas crianças tiveram que refazer o “prezinho” por não ter idade adequada para ingressar no 1º ano do ensino fundamental.

No ano de 1997, uma nova etapa se iniciou: fui para a 1ª série na extinta EMEF Profª Albertina Marques. Era um misto de alegria e medo, afinal, tudo seria diferente, a começar pelo prédio, que para ajudar ficava ao lado da EMEI Pintassilgo, o que gerava uma saudade e ainda um sentimento de pertencimento aquele mundo da educação infantil.

Nessa escola, tenho as primeiras lembranças de uma direção rígida, com a utilização de gritos e castigos diversos, o que gerava em mim muito medo. Em contrapartida, estava minha professora – Gisele: uma moça nova, bem magra, de cabelos longos sempre presos. Todas as tardes eu esperava por ela no estacionamento da escola para recebê-la com um abraço e carregar seu material.

Várias são as recordações, dentre elas: a oração do pai-nosso todos os dias ao chegar na sala, a professora desenhando as folhas de caderno na lousa para que escrevêssemos nas

linhas corretas, os filmes assistidos ainda em VHS na antiga televisão da escola, as apresentações do dia do índio – acompanhadas pela música da Xuxa, dentre outras.

Em minha vida familiar, algo que marcou foi a morte da minha avó materna, ocorrido no ano de 1997. Acredito ser a primeira vez que eu me deparei com a questão “morte”, afinal, nunca havia passado por uma situação como essa em minha família ou pessoas próximas. Arrisco até mesmo a dizer que foi a primeira vez que estive em um funeral. Apesar de não entender direito a gravidade da situação, uma coisa era certa: a tristeza de não ter mais a companhia de alguém especial.

Sempre tive o apoio dos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar e sempre fizeram de tudo para comprar os materiais e uniformes, além de participarem ativamente na escola, frequentando reuniões, apresentações e eventos.

Enfim alfabetizado, no ano de 1998, fui para o 2º ano com a professora Milena Bazetto, outra professora importante em minha trajetória, que me recordo com riqueza de detalhes: amável, atenciosa, cabelos loiros, sempre de saias longas e sapatos de saltos altos, usando seu perfume preferido “Lou-Lou” – fato conhecido por mim através de uma pesquisa que realizei com ela para um dever de casa.

Conforme já mencionei, o bairro San Francisco sempre foi visto com maus olhos e a cada ano que passava esse “karma” só aumentava, para desespero da minha mãe, que nos acompanhava nas entradas e saídas da escola, não nos deixava brincar na calçada, trancando o portão e escondendo as chaves. Ocorre que, na referida escola, era habitual o roubo de materiais escolares. Todo dia sumia algum item do estojo, fosse meu ou do meu irmão que cursava um ano letivo a mais que o meu. Isso para minha mãe era inadmissível. Então ela recorria sempre à direção, cobrando providências.

O ápice dessa situação se deu quando um aluno ameaçou meu irmão com um estilete, fato que fez com que minha mãe buscasse outra escola para nos matricular, não se importando em arcar com as despesas de transporte, desde que ficássemos longe dali. Então, em meados de 1998, fomos para a também extinta EMEF Prof.^a Aracy de Moura Joly, situada na Vila Santa Terezinha, região central da cidade de Itatiba.

Como senti essa mudança, afinal, nova escola, novos professores e nova rotina. Minha nova professora era uma senhora de uns 50 e poucos anos, chamada Raquel. Uma figura temida: brava, sistemática e que sempre utilizava alguns métodos antiquados para manter a ordem como puxões de orelha, beliscos e deixar atrás da porta da sala de rosto para a parede.

Quando me deparei com tudo aquilo, aliado à lição de casa que nada mais era do que escrever a tabuada do 2 ao 10 duas vezes no caderno, não tive outra reação senão chorar,

afinal, me imaginei sendo castigado pela professora “sargentão” além de não saber o que era uma tabuada.

Aos poucos, ela foi me ensinando muita coisa e o medo foi dando lugar à admiração, pois, diferente dos outros, eu não recebia os castigos, sendo sempre solicitado para auxiliá-la nas mais diversas tarefas, como pendurar as folhas recém-impressas no mimeógrafo, varrer a sala de aula, apagar a lousa, entre outras.

No ano de 1999, fui para a 3ª série, na mesma escola, na qual já estava bem adaptado e com novos amigos. Minha nova professora se chamava Rosely, mestiça a oriental, figura amável, carinhosa, bem diferente da professora anterior. Como fui feliz nesse ano, aprendi muito com essa professora, brinquei, corri no pequeno pátio da escola, desci o gramado íngreme sentado no papelão, comi ameixa amarela do pé que tinha nos fundos da escola, escutei o sinal que, na verdade, parecia uma sirene – bem escandalosa, diga-se de passagem, escapei da temida inspetora de alunos – Dona Inês, enfim, fui criança.

No final desse ano, outro golpe: meu irmão terminara de cursar a 4ª série e a escola possuía apenas o ensino fundamental I. Sendo assim, minha mãe novamente precisou procurar outra escola, o que me fez chorar muito, pois eu ainda poderia permanecer no “Aracy” por mais um ano e cursar a 4ª série, porém, ficaria inviável para meus pais nos manter em escolas distintas, não restando alternativa senão mudar.

Para alegria de minha mãe, estava para inaugurar uma nova escola no bairro San Francisco, a EMEF Prof.^a Rosa Scavone, que estava próxima de casa. E foi assim, que no ano 2000, meu irmão e eu voltamos a estudar no bairro, dessa vez em uma escola nova, que fora construída para extinguir a EMEF Prof.^a Albertina Marques, que daria lugar a EMEI Pintassilgo, por possuir um prédio maior, conseguindo atender a grande demanda populacional do bairro que crescera assustadoramente.

Minha nova professora se chamava Elza, uma mulher séria, brava, mas com uma enorme sabedoria e dedicação ao seu trabalho. Assim como anteriormente, eu também era seu ajudante, colaborando nas mais diversas tarefas solicitadas. Acredito que a única coisa que não gostava era quando nos dava como dever de casa, a escrita de numerais no caderno, seja do 0 - zero - ao 100 ou então do 0 ao 1.000 – mil – é isso mesmo: mil.

Não demorei muito para me adaptar a nova realidade, reencontrei alguns colegas da época do “Albertina” e fiz novos amigos, nova rotina e me desenvolvendo enquanto indivíduo. Nessa escola, passei a maior parte da minha vida escolar – do 4º ao 8º ano local este que me faz sentir muito orgulho.

Ao retornar a essa escola como estagiário e, atualmente, como professor eventual, faço um retrospecto e percebo quanta coisa mudou, como as crianças de 20 anos atrás não são as mesmas de hoje, como a realidade mudou, como a escola mudou – triste dizer: para pior. Aquelas paredes repletas de história, de recordações, momentos e alegrias, hoje estão sujas, feias, com rachaduras. O que me consola é ver as crianças felizes por estarem ali, assim como eu também estive um dia, buscando conhecimento para se constituírem como indivíduos assim como também fiz.

Alguns dos meus ex-colegas de escola já morreram, sejam por causas naturais ou por envolvimento na criminalidade, outros foram ou estão presos, se envolveram com drogas, levando uma vida degradante e triste, porém, muitos são pessoas de bem, constituíram famílias e seus filhos estudam na escola, o que descubro no momento da saída quando entrego as crianças aos seus pais.

Ao entrar na adolescência – fase terrível na vida de qualquer pessoa – me sentia um peixe fora d’água, afinal, nunca fui como os outros, sempre fui mais reservado, caseiro e nada popular. Sempre me destaquei na escola com notas excelentes, mas nunca por outros meios.

O ensino médio eu cursei na temida E.E. Prof.^a Oscarlina de Araújo Oliveira, que foi outra mudança brusca, afinal, cada vez mais a vida me empurrava para a uma realidade adulta, que exigia de mim um preparo cada vez maior.

Nesse período, especificamente no ano de 2006, eu ingressei na APAMI – Associação dos Patrulheiros Mirins de Itatiba, uma instituição voltada à formação dos jovens para o mercado de trabalho, estudando pela manhã e cursando a Apami no período da tarde.

Apesar do cansaço, concluí com êxito a formação da Apami em dezembro de 2006 e já em janeiro de 2007, aos 16 anos, fui encaminhado para o meu primeiro emprego. Então, fui ser patrulheiro mirim ou “guardinha” na Editora Itatiba Ltda/ Jornal de Itatiba - Diário, empresa tradicional na cidade de Itatiba. Quanta alegria em receber meu primeiro salário: R\$150,00.

Concluído o ensino médio em 2007, a pressão dos professores era para ingressar em uma universidade, porém, ainda não sabia ao certo qual carreira gostaria de seguir, se bem que lá no fundo do meu coração a docência pulsava.

E essa docência falou mais alto quando, no ano de 2008, ingressei no movimento Educafro para ser professor voluntário nos cursinhos comunitários voltados para os jovens e adultos pobres que estavam se preparando para os vestibulares e Enem. Aos 18 anos, recém-formado no ensino médio, sem título superior, assumindo a disciplina de História de um

cursinho que, à época, era referência na cidade. Até hoje me lembro do semblante dos alunos, descreditando que um rapaz de 18 anos fosse conseguir ensinar história a eles.

Foi paixão de imediato e, a partir de então, todos os meus sábados tinham um gosto especial, o da docência tomando conta de mim, desde a preparação das aulas, das pesquisas, da elaboração dos exercícios e do aprendizado que tive com cada um que por lá passou. E essa paixão foi tanta que desde então não abandonei o movimento, sendo professor voluntário até os dias de hoje.

Então, em meio aos alunos e do processo de bolsa de estudos, me candidatei para pleitear uma bolsa no curso de Direito da Universidade São Francisco e para minha surpresa fui aprovado, porém, com 50% de desconto, o que para mim, na época, era inviável, visto que meu grandioso salário de R\$150,00 reais não suportaria nem metade da mensalidade e meus pais também não conseguiriam me ajudar. Sendo assim, deixei o sonho de ingressar em uma universidade adormecido por 5 anos.

Terminado o prazo de 2 anos de contrato como menor aprendiz, fui desligado da Apami e me efetivei no Jornal de Itatiba, empresa em que permaneci por 10 anos – 2007 a 2017. Sou eternamente grato a ela pela oportunidade que me deu, pois ali vivi as experiências mais marcantes da minha vida, conheci pessoas, aprendi muita coisa e convivi com pessoas que foram verdadeiros professores.

O ano de 2009 trouxe outra novidade: a separação dos meus pais, fato este que me marcou demais, afinal, é algo que desestrutura qualquer família. Um casamento de 23 anos chegava ao fim, pois meu pai decidiu sair de casa e viver com a mulher com quem já mantinha um caso há algum tempo. Minha mãe, que até então nunca havia trabalhado fora para se dedicar ao marido, casa e filhos, assumindo a figura de “Amélia”, se via numa situação até então inimaginável.

Esse período carrega consigo a minha tentativa de manter tudo em pé, minha casa e o que restou da minha família, tendo como característica minhas brigas intermináveis com meu pai. Eu precisei – pelo menos tentei - assumir o papel de “pilar” da casa, dando apoio e suporte à minha mãe, auxiliando nas responsabilidades de casa, uma vez que, não sabendo lidar com a situação, meu irmão se entregara à bebida.

Mas como tudo na vida se renova, aos poucos essa fase foi passando, fomos nos reconstruindo, assimilando a nova realidade e nos tornando cada vez mais fortes, afinal, viver é uma verdadeira escola. Assim, prossegui minha vida dentro da normalidade, me dedicando à minha casa e meu trabalho.

Eis que no ano de 2012, resolvi participar novamente do processo de bolsas de estudos, dessa vez para FAAT – Faculdades Atibaia. O curso ainda não havia decidido, sendo induzido pelos mais próximos a cursar Direito, por se tratar de um curso com ótimo retorno financeiro. Pois bem, me inscrevi para o curso e acabei passando em uma ótima colocação, garantindo uma bolsa integral para o mesmo.

Depois de tantas tristezas, o ano de 2012 me presenteava duas vezes: a bolsa de 100% em uma instituição de nível superior e o nascimento do meu sobrinho Henrique. Duas alegrias que me emocionaram muito.

O curso de direito foi muito importante em minha formação social, moral e intelectual, pois me apresentou a uma realidade desconhecida: a vida acadêmica. Ao longo dos 5 anos de graduação, pude aprender muita coisa importante, não só sobre o tema do curso, mas sobre mim, como estudar, como ler e compreender bem um texto, entre outros aspectos.

Digamos que nunca fui o melhor aluno da sala, pois algo dentro de mim sinalizava que aquele não era meu mundo, que toda aquela montanha de conteúdos e ensinamentos não me despertava sonhos. Porém, optei em prosseguir e ver o que fazer no final.

E chegou o ano de 2016, ano de concluir o curso de direito, mas com algumas dependências para trás, que iria cumprir no ano seguinte e, finalmente, finalizar aquilo tudo. Porém, no ano de 2017, veio a novidade: o curso de Pedagogia estava reabrindo na Universidade São Francisco, o que me deixou curioso e instigado.

Novamente participei de um processo seletivo, disputando apenas uma bolsa de estudos entre 27 candidatos. Conclusão: fui muito bem colocado no vestibular e conquistei a bolsa, para desespero e críticas de todos os meus familiares e amigos.

E, assim, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade São Francisco. Ali sim me sentia pertencente, acompanhava as aulas com entusiasmo e dedicação, com as borboletas no estômago – que nunca me visitaram quando estava na graduação em direito. E o direito? Bom, fiz duas dependências e as outras...melhor deixar para uma próxima ocasião.

Além da mudança radical de escolha, também me desliguei do Jornal de Itatiba, pois estava decidido a mudar minha vida por completo, sem travas e sem receio de errar, pois já havia vivido um longo período de aparências.

A USF me proporcionou momentos e descobertas incríveis, não tenho palavras para descrever tudo isso, sendo eternamente grato pela oportunidade de ingressar em uma instituição como essa, conhecer professores em quem eu me espelho e tenho profunda admiração.

Em meio a todas essas novidades, fui convidado para participar da Iniciação Científica tendo como professora orientadora a Dra. Adair Mendes Nacarato, que me apresentou ao mundo da pesquisa científica. Após um longo período de pesquisa e escrita, nosso projeto foi o premiado na área da educação, motivo de muito orgulho e satisfação.

Já em 2018, outra novidade me faria muito feliz: participei do processo seletivo para contratação de auxiliar de aluno da Universidade São Francisco e, após 3 entrevistas, fui contratado para a vaga, o que me deixou muito feliz.

Atualmente, trabalho no NAEPE – Núcleo de Atenção Educacional e Psicológica para Estudantes. Meu trabalho é acompanhar um aluno do curso de Direito, que teve paralisia cerebral e carrega as marcas, necessitando de um auxiliar em sala de aula. Trata-se de uma oportunidade incrível, pois além de estar atuando em uma empresa do ramo da educação, como funcionário, tenho o incentivo ao estudo desde a graduação até a pós-graduação.

Ao longo do curso de Pedagogia, muitas disciplinas me chamaram a atenção e me fizeram pensar em uma pesquisa sobre o tema, mas de todas já estudadas, o que mais me chamou a atenção foi o estudo das Assembleias de Classe na disciplina de Ética na Educação, ministrada pela prof.^a Dra. Maria de Fátima S. P. Lukjanenko.

Trata-se de uma prática em que as crianças participam ativamente das tomadas de decisões do ambiente escolar, exercitando seu papel de cidadão crítico e conhecedor dos seus direitos e deveres, pautados na democracia participativa, sendo a escola um dos primeiros lugares em que a criança conhece e pratica tal recurso.

Como democracia é um tema que está em alta no atual governo nacional, me veio à mente: Por que não trazer esse tema, que para mim, é de extrema importância, visto que muitas escolas ainda trabalham com uma antiga filosofia do “mandar e obedecer”, sem que os alunos participem das tomadas de decisões em que eles mesmos serão os beneficiados.

Como falar em discussão, diálogo e interlocução sem falar de Mikhail Bakhtin, teórico que assumo para discutir a relação do “eu/outro” que se dá através da palavra. Como não falar em formação humana e democrática sem a participação de Paulo Freire com suas contribuições pautadas na vivência em sala de aula, como brilhante educador que foi? Esses são os referenciais que assumo nessa pesquisa, cujos fundamentos apresento no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 – O DIÁLOGO COMO ATO FUNDAMENTAL NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR PARA BAKHTIN E FREIRE

O presente capítulo abordará a relação do “*eu e o outro*” analisada sob as perspectivas de Bakhtin no campo da linguagem, e de Paulo Freire no campo escolar /educacional. Trata-se de análise muito importante para se chegar ao tema proposto, visto que a escola é um espaço heterogêneo, em que crianças e adultos constroem saberes, vivências e se constituem como sujeitos sociais.

2.1 Bakhtin: o diálogo como conceito norteador da perspectiva bakhtiniana

Antes de iniciar a temática relevante, vale ressaltar que o filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin não deixou nenhuma obra escrita sobre educação, sendo seus escritos consultados e adaptados aos diferentes cenários sociais como o educacional, em que há uma perfeita harmonia entre seu pensamento e a realidade.

Trata-se um autor contemporâneo, presente em cada situação reflexiva. Suas obras estão longe de se tornarem obsoletas, servindo de base para as mais diferentes áreas, como a educação. Segundo Freitas (2013, p.96), “não encontro na obra de Bakhtin nada específico em relação à educação, mas ao mesmo tempo, encontro tudo nas palavras escritas em seus textos”.

Para que os estudos alcancem o êxito almejado, é importante destacar alguns conceitos bakhtinianos que, de certa forma, estão relacionados à área educacional,

O primeiro deles diz respeito ao conceito de língua. Para Bakhtin/Volochinov(2010), todo signo é ideológico, o que faz surgir o primeiro conceito a ser discutido: o da ideologia. De acordo com o autor,

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existem ideologias. (BAKHTIN, 2010, p. 31).

Não há como se falar em língua, comunicação e interação verbal sem compreender que tais instâncias, assim como tudo o que está em nossa volta, é ideológico, pois retrata uma realidade exterior. O autor, em sua obra, exemplifica tal afirmação se utilizando do martelo e da foice, que nada mais são do que ferramentas de trabalho, mas, que também podem ser utilizados como um símbolo ideológico de movimentos socialistas.

A ideologia só pode ser explicada em decorrência da interação dos sujeitos de diversos grupos sociais/culturais, reforçando a relação do *eu* e o *outro*, sendo importante destacar o princípio da alteridade, que está presente em todas as obras do autor e em todas as relações humanas. Para Geraldi

A alteridade é o espaço da constituição das individualidades: é sempre o outro que dá ao eu uma completude provisória e necessária, fornece os elementos que encorpam e que o fazem ser o que é. No corpo biológico, somos constituídos histórica e geograficamente o sujeito que seremos – não sempre o mesmo, mutável, segundo suas relações, incompleto e inconcluso. Muitos e um só: unidade e unicidade, que por histórica não significa permanência do mesmo, mas mutabilidade no supostamente mesmo. (GERALDI, 2013, p. 12)

Nesse sentido, fica evidente a importância do *outro* para que o *eu* constitua e, através da alteridade, essa realidade vai tomando forma, levando em consideração o aspecto histórico e geográfico em que cada um convive, o que, para Paulo Freire, também é um fator relevante.

O filósofo russo reforça em suas obras que todo enunciado é dialógico e social, ou seja, não se pode falar em diálogo sem levar em consideração o seu caráter social, surgindo a ideia da interação. Para Bakhtin(2010), o fenômeno da *interação verbal* liga dialogicamente o locutor ao interlocutor em um processo dialógico, que faz nascer outro importante conceito, o *dialogismo*, que segundo o autor:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas, pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 2010, p. 127).

Já para Barros,

Em outros termos, concebe-se o dialogismo como um espaço interacional entre o eu e o tu ou entre o eu e o outro, no texto. Explicam-se as frequentes referências que faz Bakhtin ao papel do “outro” na constituição do sentido ou sua insistência em afirmar

que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz (BARROS, 1994, p. 3)

Sendo assim, o autor nos demonstra que a língua é dialógica, pois através do diálogo entre os sujeitos e entre os discursos é que ela se constitui; é social na medida em que a utilizamos socialmente para nos expressar e, sobretudo, por trazer consigo uma ideologia. Torna-se impossível pensar no sujeito fora dessa relação com o outro, pois a linguagem só se constitui no processo de interação.

Trazendo o conceito bakhtiniano de interação verbal e dialogismo para o cotidiano escolar, percebe-se o quanto esse espaço é rico para a materialização dos mesmos, na medida em que o trabalho educativo pautado na democracia e na constituição de cidadãos críticos e conscientes requer a prática do diálogo, da interação entre os sujeitos – considerando seus contextos sociais – e as múltiplas vozes sociais na enunciação.

Portanto, mesmo não tendo deixado nada escrito sobre educação, é possível interligar as teorias do filósofo russo ao contexto escolar, a fim de promover uma prática educativa democrática que, segundo Geraldi,

Esta há de ser dialógica, sem submissão do outro à autoridade mesmo que científica. Uma educação numa perspectiva bakhtiniana há de ser uma atividade essencialmente estética, realizada eticamente, operando com a cognição como instrumento. Isso significa alterar por completo a perspectiva atual do ensino a partir do qual se tem definido a atividade escolar: uma relação com o conhecimento, somente medida por um agente ético, com total esquecimento estético porque desconsidera precisamente os acabamentos provisórios que definem o futuro desejado. (GERALDI, 2013, p. 27)

2.2 O diálogo como uma das formas de emancipação: uma discussão em Paulo Freire

Não há que se falar em educação democrática e dialógica sem citar as contribuições de Paulo Freire. O renomado educador viveu em um período histórico distinto do de Bakhtin, porém, suas ideias se complementam.

Para compreender e refletir melhor a questão dialógica em Freire (1980, p.91), optou-se em trazer os conceitos contrários: “silêncio”, “anti-diálogo” e “pedagogia bancária”, presentes nas obras do educador.

Segundo Freire (1980, p.91), existe uma cultura que precisa ser rompida, e está é a cultura do silêncio, materializada pelas classes dominantes em detrimento das classes oprimidas, que não têm voz para externalizar suas ideias e direitos. Ainda sobre essa temática, Freire (1980, p.65) diz que “a sociedade dependente é, por definição, uma sociedade silenciosa. Sua voz não é autêntica, mas um simples eco da voz da metrópole. De todas as maneiras, a metrópole fala e a sociedade dependente escuta”.

Por esse viés, podem-se estabelecer diferentes interpretações, seja no cenário mundial em que os países desenvolvidos ditam as regras e fazem com que os subdesenvolvidos se adequem e se submetam a eles. Por outro lado, trazendo a citação para o caráter social, pode-se estabelecer a relação de opressão por parte de classes dominantes, sendo as interpretações guiadas pelo termo “silêncio” do oprimido. E, por que não trazer tal conceito para a educação?

Freire (1980) defende o rompimento do silêncio, que acompanha a massa populacional desde cedo, dentro de nossas casas e se estende até a escola, através das pedagogias tradicionais e repressoras, típicas das ideologias dominantes. Sobre a temática, Gadotti (1996) diz que:

O diálogo proposto pelas elites é vertical, forma o educando-massa, impossibilitando-o de se manifestar. Neste suposto diálogo, ao educando cabe apenas escutar e obedecer. Para passar da consciência ingênua a consciência crítica, é necessário um longo percurso, no qual o educando rejeita a hospedagem do opressor dentro de si, que faz com que ele se considere ignorante e incapaz. É o caminho de sua auto-afirmação enquanto sujeito. (GADOTTI, 1996, p. 84)

Nessa perspectiva, deve-se romper com a cultura do silêncio e do diálogo vertical, pautados na promoção da formação humana, que deve ser crítica, dialógica e democrática. Esse rompimento se dá na escola, instituição em que os educandos passam uma grande parte da sua infância e adolescência – período de formação intelectual, moral e social.

Já o termo “anti-diálogo” trazido por Freire em suas obras está diretamente atrelado ao termo “pedagogia bancária”, pois, segundo o autor:

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isso não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores (FREIRE, 1987, p.102).

Portanto, conclui-se o quanto a noção de diálogo para o educador Paulo Freire é importante, sobretudo, na escola. Através do diálogo, o indivíduo parte para a reflexão e para transformação – o que o educador chama de *emancipação*. Ainda segundo Freire

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (FREIRE, 1980, p. 82-83)

O diálogo é um dos mais importantes recursos, principalmente na educação, para que se formem indivíduos conscientes, críticos e emancipados. Daí a importância da utilização das assembleias de classe como um desses recursos, não só esporadicamente, mas habitualmente, trabalhando a autonomia, o respeito, o diálogo e a democracia dentro da escola.

CAPÍTULO 3 – UM OLHAR PARA A ESCOLA DEMOCRÁTICA

Neste capítulo, trazemos a noção de escola como instituição e sua função social desde seu surgimento, bem como seu perfil ao longo do tempo até se chegar à ideia de educação democrática. Posteriormente, falaremos das assembleias de classe, quais as suas contribuições na construção de um ambiente escolar mais democrático e sua definição, nos utilizando de autores renomados para basear as discussões.

3.1A escola e sua função social

Desde os primórdios da humanidade, a ideia de educação é muito forte no contexto social. Educar vem do latim *educare*, que significa instruir, criar, guiar ou conduzir. O termo educação sempre esteve atrelado a escola como instituição, visto que, é nela que se educa o cidadão para a convivência social, democrática e para mercado de trabalho, através do desenvolvimento moral, social e intelectual.

Na antiguidade, sobretudo na Grécia antiga, a educação iniciou seus passos de maneira mais próxima ao que se vê nos dias de hoje. Em Esparta, a educação era exclusivamente para meninos a partir dos 7 anos de idade, que tinha como foco formar bons guerreiros para a defesa do estado, disciplinando o corpo físico e a mente para se tornarem bons soldados. Já em Atenas, a educação era voltada para formar bons pensadores e governantes, sendo que desde pequenos as crianças – exclusivamente meninos, aprendiam a ler a escrever, além de aprenderem música, poesia, filosofia, matemática e outras disciplinas.

Sejam instituições militares ou voltadas para o desenvolvimento artístico, filosófico ou intelectual, iniciou-se neste período a formação da instituição “escola”, inteiramente ligada ao Estado, como um local destinado a transmissão de um conhecimento por parte de um mestre. Nesse sentido, Silva:

Quais eram as relações que se estabeleceram entre a formação do cidadão grego e a educação? Esta era diretamente responsável por formá-lo, e, mais do que isso, era direito exclusivo do cidadão. O acesso à educação formal, feita de forma sistemática com o fim de prepará-lo para o exercício da cidadania entendido enquanto preparo para a vida política, para a condução da cidade, da polis, conduz ao estabelecimento dessa identidade entre Estado e cidadão. (SILVA, 1995, p. 129-130)

Posteriormente, na Idade Média, a ideia de escola e educação passou por uma profunda transformação. Com o advento do cristianismo e a ascensão do catolicismo, toda a estrutura estatal se transformou e todo o “saber” ficou nas mãos da igreja.

Foram nas igrejas e nos mosteiros que muitas obras clássicas da antiguidade ficaram guardadas e o conhecimento adormecido, sendo monopólio da igreja, que começou a fornecê-lo aos mais abastados, filhos dos nobres da época.

Como se tratava de uma educação religiosa e cristã, seu foco principal eram as morais da religião católica, bem como a formação de cristãos, que tivessem como base a família – pátrio poder e todos os ensinamentos religiosos deixados por Jesus Cristo, abominando todos os ensinamentos antigos – gregos e romanos. Segundo Formigoni,

Os colégios funcionavam por meio de regras como a disciplina, a vigilância e o controle dos alunos, as quais proporcionaram a evolução da escola simples da Idade Média para a complexidade da escola moderna. Essa evolução dos colégios, considerando que indivíduos de diferentes idades tem necessidades e capacidades específicas, em particular as crianças e suas particularidades, proporcionou a separação, primeiramente dos menores, depois dos maiores, porém somente no âmbito escolar, já que na sociedade a separação das idades ainda não existia. (FORMIGONI, 2010, p. 138)

Portanto, tem-se uma escola voltada para a disciplina, família e religião, sem o ideal de formação de cidadãos como na idade antiga, período este que ficou esquecido por intermédio da igreja católica.

No Brasil, a história da educação e da escola também está ligada ao cristianismo, uma vez que, ao iniciarem o processo de colonização do país, os jesuítas foram os primeiros professores dos habitantes que aqui estavam – os índios. A eles eram ensinados a religião católica, a língua portuguesa e os costumes europeus, considerados como superiores.

Porém, foi na idade moderna que as escolas tiveram seu auge por todo o mundo, sendo a mais próxima ao que se possui atualmente. Na escola da idade moderna, através de uma grande mudança no pensamento humano, passou a exercer um importante papel. Segundo Formigoni,

Em particular temos a escola e a família como instituições fundamentais encarregadas em formar e cuidar dos indivíduos, não apenas de seu crescimento evolutivo e de sua instrução formal, como também de sua formação pessoal e social, em especial durante a infância e a adolescência. (FORMIGONI, 2010, p. 140)

Ademais, a Revolução Industrial, importante marco histórico que mudou toda a sociedade, em que um grande número de pessoas deixaram o campo para morar nas cidades

em busca de uma vida melhor, através do emprego nas fábricas. E, conseqüentemente, para formar uma mão de obra qualificada, a escola se adequou para uma função tecnicista, ensinando o básico para servir aos interesses das grandes indústrias da época.

Outro fator de destaque foi o aumento dos regimes democráticos pelo mundo, que fez com que reivindicações de acesso à escola fossem cada vez maiores, baseados nos princípios sociais de dignidade humana e, legais, visto que muitos países já estavam com seu ordenamento jurídico em fase inicial.

Neste período, o ensino era focado na figura do professor como detentor do saber, fortalecendo uma escola hierarquizada e disciplinarizadora, sendo a escola o local onde se disciplina o corpo e a mente, ambos para servir a sociedade.

Já na no início da idade contemporânea, com o advento da revolução francesa e seus ideais de liberdade, igualdade, fraternidade, a educação foi sofrendo mudanças em seus métodos de ensino, disciplinas e currículos, sempre ligados aos interesses sociais que mudam constantemente.

Portanto, a escola exerce uma função social muito importante: ela forma indivíduos para a vida em sociedade, através do desenvolvimento intelectual, moral e social. Trata-se de um direito humano, que deve ser defendido e, sem dúvidas, a escola é a instituição central de um regime democrático que realiza tal função.

3.2.As assembleias de classe

A valorização e aplicação de uma educação democrática nas escolas estão ligadas as práticas docentes, bem como a organização estabelecida por uma gestão bem articulada.

Para que haja um ambiente escolar justo e democrático, um dos métodos recorrentes são as assembleias de classe. Importante destacar que existem várias modalidades de assembleias: de classe, de nível ou segmento, de escola e de docentes. Cada uma delas também podem ser utilizadas nas escolas na busca de uma gestão mais democrática, porém, optou-se em trabalhar com a modalidade de assembleias de classe, que dá voz e vez aos alunos, fazendo com que a democracia participativa seja trabalhada no ambiente escolar.

Outra importante ressalva a ser feita, é que esse procedimento se trata de algo fundamentado teoricamente e não apenas um modismo, ou uma reunião em que são tratados apenas problemas, servindo de tribunal, mas sim, um espaço de diálogo.

Conforme mencionado, um dos recursos que possibilita o trabalho com a democracia no contexto escolar é a utilização das assembleias de classe, que nada mais são do que espaços afetivos de diálogos e reflexão, em que as crianças possuem voz e vez na gestão escolar e/ou de sala de aula, construindo um ambiente justo.

As assembleias vêm sendo alvo de estudos na área da educação, sobretudo nas disciplinas que abordam o desenvolvimento da ética e moralidade, tendo referências autores como Puig(2000), Araújo(2004), Tognetta e Vinha(2007). Sobre essas últimas pesquisadoras, vale ressaltar que a prática em questão ficou mais popular através de seus estudos e divulgações.

Sobre a utilização das assembleias, Tognetta e Vinha salientam:

O procedimento das assembleias não é recente, já existindo há tempos em escolas que se propuseram a criar espaços democráticos de participação de todos os envolvidos no processo de educação; as assembleias traduzem-se como possibilidade de evolução moral dos sujeitos que elas participam. E é justamente esse o grande objetivo da escola: formar sujeitos autônomos. (TOGNETTA e VINHA, 2007, p. 60)

Conforme trazido pelas autoras, as assembleias são espaços ricos em se trabalhar a democracia e suas vertentes sociais, no sentido em que se trabalha o respeito mútuo, regras, empatia e conflitos, bem como a moralidade, na medida em que a criança desperta em seu interior a questão moral, que desse modo passa de heterônoma para autônoma.

Falando especificamente das assembleias de classe, não se trata apenas de um procedimento simples, esporádico e sem regras. Trata-se de um procedimento que segue um regramento e necessita de um trabalho educativo efetivo, tanto pela equipe gestora como pelos docentes.

Sobre as assembleias de classe, Tognetta e Vinha definem:

Tratam de temáticas envolvendo especificamente determinada classe, tendo como objetivo regular e regulamentar a convivência e as relações interpessoais, assim como resolver conflitos por meio do diálogo. A periodicidade geralmente é semanal, em encontros de uma hora, ou quinzenal, com os mais velhos, com duração de 90 a 120 minutos. Esses momentos são inclusos no horário. São conduzidas, inicialmente, por um adulto, como o professor polivalente, o professor conselheiro ou orientador, e, posteriormente, pelos próprios alunos-coordenadores (representantes eleitos que se revezam), com a orientação do adulto. (TOGNETA e VINHA, 2007, p. 62)

Portanto, fica estabelecido que o trabalho com assembleia de classe envolve uma temática específica, porém, obedece um regramento próprio na medida em que os alunos se tornam os protagonistas do diálogo, expondo ideias, opinando sobre diferentes temas e

construindo juntos soluções para os conflitos em sala de aula, reforçando a ideia de pertencimento aos estudantes, que participam das tomadas de decisões, da solução de conflitos e das variadas demandas da escola. A ideia de pertencer vai muito além de frequentar o espaço escolar, mas sim, participar, sugerir, opinar e ter voz, trabalhando a democracia participativa.

Na cidade de Itatiba, durante o governo do prefeito João Gualberto Fattori – 2009 a 2016 - a secretaria de educação, sob o comando da Prof.^a Dra. Maria de Fátima S. PolesiLukjanenko trabalhou com assembleias, realizando formação para toda a equipe gestora e para os professores, incluindo a temática no currículo municipal.

O trabalho foi realizado através de formações por um grupo de estudos chamado GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral, incluindo textos e obras de autores da área, dentre eles as autoras citadas no início do capítulo, que ajudaram na divulgação e na popularização das assembleias de classe como uma oportunidade de se trabalhar a democracia na escola, bem como o desenvolvimento da autonomia moral.

Segundo a professora Maria de Fátima Lukjanenko:

toda equipe gestora e boa parte dos professores tiveram formação continuada para trabalhar com procedimentos democráticos (dialógicos) visando a cooperação e a conquista da autonomia moral. Fizemos isso a partir de 2010 e teve especificidades por segmentos ao longo dos anos até o final da gestão em 2016 (Lukjanenko, Itatiba – 02/10/2020)

Portanto, fica claro que as escolas do município de Itatiba tiveram, durante um determinado governo, a oportunidade de trabalhar com recursos democráticos e dialógicos, porém, com a mudança de governo, tal prática aparentemente foi banida, sendo realizadas de maneira optativa por parte da gestão e do corpo docente.

A seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para realizar a pesquisa, trazendo a abordagem, os objetivos, o contexto, os sujeitos e as entrevistas narrativas que basearam o presente trabalho.

CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresentará os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados. Sendo assim, apresentaremos a abordagem utilizada para a realização da pesquisa, o objetivo da investigação, o contexto, os sujeitos, os instrumentos que foram utilizados para que os dados fossem coletados e, por fim, de que maneira os dados foram analisados.

4.1 A abordagem da pesquisa

A presente pesquisa, intitulada “As assembleias de classe na construção de uma escola democrática”, apresentará uma abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa, segundo Flick,

é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas de vida. As expressões-chave para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas, 1996), a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões biográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida. Essa pluralização exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões. (FLICK, 2009, p. 20)

Sendo assim, para o autor, a pesquisa vem apresentando mudanças e o pesquisador não está mais na “era das grandes narrativas e teorias” (FLICK, 2009, p.21), sendo relevante a participação do pesquisador nos novos contextos e perspectivas sociais, sendo de suma importância a utilização de “conceitos sensibilizantes”, ou seja, um olhar sensível na análise e tratamento dos dados obtidos.

4.2 Objetivos da pesquisa

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar se a utilização das assembleias de classe tem contribuído para a construção de um ambiente escolar mais democrático.

Tem ainda, como objetivos específicos:

- 1 – Identificar se as assembleias de classe têm sido realizadas no contexto escolar;
- 2 – Compreender como as relações dialógicas realizadas por meio da assembleia podem afetar o contexto escolar.

4.3 Contexto de pesquisa

A presente pesquisa foi realizada com dois gestores de diferentes unidades escolares públicas da cidade de Itatiba/SP. Importante destacar que, a princípio, seriam três gestores, porém, uma das participantes não retornou nosso contato, restando apenas dois gestores.

O gestor escolar é o profissional responsável por administrar a unidade escolar, possuindo uma visão macro, conhecendo todos os setores e demandas da escola, participando e trabalhando nas diferentes demandas. Cabe a ele participar e estar atento e atualizado em todas as áreas da escola: administrativa, pedagógica, social, dentre outras.

Devido a essa visão macro, é que se optou em entrevistar os gestores, pois são eles que estabelecem um trabalho com toda a equipe pedagógica, além de administrarem a escola e serem os responsáveis pela tomada de decisões, o que vem ao encontro do tema da pesquisa.

A escolha dos gestores se deu pelo fato de realizarem um trabalho conceituado na rede municipal de ensino, visando verificar se eles utilizam recursos como as assembleias de classe em suas práticas escolares.

Nesse contexto, com as entrevistas, buscou-se responder a questão norteadora do trabalho, que é: Como as assembleias de classe contribuem para a construção de um ambiente escolar democrático por meio do diálogo?

4.4 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da presente pesquisa são gestores de 2 diferentes escolas municipais (EM) de ensino fundamental da cidade de Itatiba.

Optou-se em entrevistar os gestores, pois são eles que participam diretamente na construção das diretrizes escolares, como o projeto político pedagógico e estabelecem o intermédio entre as exigências legais – federais, estaduais e municipais – e sua aplicabilidade no contexto escolar.

Quadro 1: Os sujeitos colaboradores da pesquisa²

Pseudônimo	Instituição	Titulação
Professora Maria	EM	Pós-graduada
Professor José	EM	Mestrado

Fonte: Dados organizados pelo autor

Abaixo, apresentamos um pouco de quem são os sujeitos entrevistados.

Ambos os depoentes são gestores de escolas de ensino fundamental da cidade de Itatiba/SP, sendo que, na unidade escolar da professora Maria, o segmento é apenas de ensino fundamental II – 6º ao 9º e, na escola do professor José, trabalha-se com dois segmentos: fundamental I – 1º ao 5º e fundamental II – 6 ao 9º.

A professora Maria é formada em Letras, Pedagogia, pós-graduada em Letramento e Alfabetização e Gestão. Trabalha na educação desde 1994, iniciando como escriturária, porém, já era formada no antigo magistério e fazia faculdade de Letras à noite. Em 1996, começou a ministrar aulas de língua portuguesa em uma escola pública de Mauá/SP, na qual permaneceu por 14 anos como professora efetiva. Também ministrou aulas de língua portuguesa em uma escola particular de Mauá por anos e na cidade de Itatiba ministrou gramática, redação e literatura em um colégio particular. Foi professora efetiva de 1º ao 5º ano e coordenadora pedagógica. No ano de 2006, ingressou como diretora de escola designada na Rede Municipal de Ensino, sendo que em 2014 assumiu como Diretora efetiva nesta unidade escolar.

Já o professor José é natural da cidade de Itatiba/SP, e realizou todo seu processo de escolarização na rede municipal de ensino, sendo apaixonado pela educação, tendo convicção que seria professor. Fez sua primeira graduação em ciências matemáticas e, em seguida, emendou no curso de Odontologia, sendo que conciliava as duas atividades. Posteriormente, ingressou na Pedagogia e, ao terminar, ingressou no mestrado em educação, iniciando os créditos para o doutorado, que ainda não prosseguiu por circunstâncias adversas. Sempre conciliando as profissões de professor e dentista, prestou concurso público para o cargo de gestor na cidade de Itatiba em 2008, porém, o concurso foi cancelado, tendo que realizá-lo novamente. Somente ingressou como gestor em 2010, passando por duas escolas, sendo a maior parte desse período na instituição em que se encontra atualmente.

² Os sujeitos tiveram seus nomes modificados para preservação de suas identidades.

4.5 A entrevista narrativa como instrumento para a produção de dados

Ao se dedicar a escrita de uma pesquisa científica, o pesquisador deve se debruçar sobre um método para realização da mesma, a fim de justificar, tratar e analisar os dados coletados, alcançando um resultado.

Na presente pesquisa, os dados foram coletados por meio de entrevista narrativa com gestores sobre as assembleias de classe em suas unidades escolares. A entrevista narrativa (EN) foi idealizada por Fritz Schütze (2011) e se constitui em uma maneira específica de produção de dados por meio de uma investigação. Ela é considerada um tipo de entrevista mais profunda, indo além do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas.

Ainda sobre a entrevista narrativa, Jovchelovitch e Bauer (2015) apresentam a técnica para a realização das entrevistas narrativas, sendo que essas são audiogravadas e transcritas; a transcrição é devolvida ao sujeito para aprovação e posterior utilização dos dados na análise.

A entrevista narrativa foi desenvolvida como um dispositivo para compreender os contextos em que as biografias são construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia.

Por se tratar de uma entrevista mais profunda, o entrevistador faz questões aos entrevistados do tipo: “Conte-me sobre sua trajetória de vida profissional” e “como as decisões são tomadas na sua escola”. Além do mais, o entrevistador tem a mínima influência durante o processo de coleta, deixando o entrevistado o mais confortável possível, sendo que, em muitas vezes, extraem-se conteúdos, emoções e sentimentos além dos que lhe foram solicitados.

Jovchelovitch e Bauer (2015) apresentam o método da entrevista narrativa, desenvolvido por Schütze (1977, apud JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015) que sugere a sistematização dessa técnica. Por esse método, o entrevistado – chamado de informante – deve ser encorajado e estimulado a narrar acontecimentos de sua vida e sobre o contexto social.

A entrevista narrativa, para os autores, está organizada em etapas, a saber:

- 1 – Preparação;
- 2 - Iniciação;
- 3 - Elaboração Central;
- 4 - Fase de Perguntas;
- 5 - Fala Conclusiva

Quanto à preparação, salienta-se que não é uma tarefa fácil, mas sim muito trabalhosa, em que o pesquisador deve possuir afinidade com o assunto estudado. Segundos os autores, o pesquisador deve também elaborar perguntas exmanentes, ou seja, que refletem seu real interesse.

Para os autores, a fase da “iniciação” deve ser explicada ao informante, que aceita a gravação da entrevista. O tópico inicial da entrevista já foi identificado na preparação, sendo este, de interesse do entrevistador. Para a formulação do tópico inicial, os autores destacam várias orientações como, por exemplo, que a riqueza de detalhes na narração deve-se ao fato de que o tópico inicial deve fazer parte da experiência do informante; significância pessoal e social; a não abordagem do interesse e investimento do informante no tópico; a amplitude do tópico permite ao informante uma história mais completa; evitar datas, nomes e lugares, somente sendo trazidos pelo informante.

Na segunda fase, que é a da “Narração Central”, a narração não deve ser interrompida até seu término, não devendo o entrevistador realizar comentários e paralisações, pelo contrário, deve anotar o que acha mais relevante para posteriores perguntas. No final, deve-se perguntar ao entrevistado se ele gostaria de dizer mais alguma coisa, se está suficiente sua narração.

Na sequência, a terceira fase denominada “Fase de Questionamentos” inicia-se após o término comprovado da história, em que o entrevistador se utilizará das perguntas anotadas no decorrer da história para preencher as possíveis lacunas existentes. Ainda, de acordo com os autores, as perguntas devem se referir aos acontecimentos, devendo abster-se de perguntas que tragam opiniões, atitudes e causas do informante, a fim de evitar racionalizações. Por fim, evitar apontar contradições na narrativa.

Por fim, a quarta fase “Fala Conclusiva”, é aquela em que informante e entrevistador, já com o gravador desligado, realizam comentários informais sobre o assunto, o que nada mais é do que uma maneira do entrevistador avaliar e interpretar dados, podendo, inclusive, notar a confiança ou desconfiança para com o informante. É imprescindível possuir um diário de campo ou formulário para registrar todos os comentários informais, conforme citam os autores.

Seguindo os procedimentos mencionados, fizemos o convite aos gestores. A princípio seriam três gestores, porém, no decorrer do desenvolvimento do trabalho, uma das gestoras não atendeu as solicitações do pesquisador, restando apenas dois gestores.

Devido à pandemia de Covid-19, o convite e as entrevistas não puderam ser realizadas de maneira presencial, conforme a metodologia recomenda, restando a opção de serem realizadas por videoconferência. Todavia, elas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

Primeiramente, foi realizado o convite aos três gestores, que assinaram uma autorização para a realização da entrevista, sendo que o dia e horário que melhor atendesse aos entrevistados ficaram a critério dos mesmos. Posteriormente, a professora Maria informou que acabara de passar por um procedimento cirúrgico, não tendo condições físicas de participar de uma videoconferência, restando a opção de responder as questões via e-mail e, a terceira gestora não respondeu as solicitações do pesquisador, sendo eliminada da pesquisa. Já o Jose, aceitou o convite de prontidão, deixando a sua disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

Sobre as datas e realizações das entrevistas, a tabela abaixo demonstra as descrições relevantes:

Quadro 2 - A realização das entrevistas

Pseudônimo	Data de realização	Local de realização	Tempo de duração	Registro	Devolutiva para o entrevistado
Professor José	03/10/2020	Videoconferência	2h15	Gravação em Smartphone	A transcrição da entrevista foi enviada por e-mail, juntamente com um pedido de marcar nova entrevista para complementação. O entrevistado não fez observações, se declarando satisfeito com o conteúdo apresentado.
Professora Maria	21/10/2020	Questionário enviado por e-mail	1h	Resposta das questões em documento de Word.	A transcrição da entrevista foi enviada por e-mail, juntamente com um pedido de marcar nova entrevista para complementação. O entrevistado não fez observações, se declarando satisfeito com o conteúdo apresentado.

Fonte: Dados organizados pelo autor

4.6 Os procedimentos de análise

Para analisar as entrevistas dos gestores, foi necessário organizar os dados coletados. Dessa forma, a partir da transcrição das entrevistas realizadas, organizamos os dados a partir de eixos temáticos, uma vez que foi necessário analisar as convergências e divergências do relato dos depoentes: 1) Trajetória profissional e o papel do gestor na escola pública; 2) As assembleias de classe e as relações dialógicas em prol de uma educação democrática.

CAPÍTULO 5 – O PAPEL DO GESTOR NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DIALÓGICO E DEMOCRÁTICO

O presente capítulo apresentará as análises das entrevistas narrativas realizadas com dois gestores de escolas públicas da cidade de Itatiba/SP. As análises se deram a partir da transcrição das entrevistas, dando um olhar especial para as convergências e divergências nas falas dos gestores. Para tal, elencamos dois eixos temáticos: 1) Trajetória profissional e o papel do gestor na escola pública; 2) As assembleias de classe e as relações dialógicas em prol de uma educação democrática, que discorreremos a seguir:

5.1 Trajetória profissional e o papel do gestor na escola pública

Sem dúvidas, os profissionais da educação estão na classe de maior importância do mundo, pois trabalham no desenvolvimento físico e intelectual da criança, desde a base até o ensino superior, formando os demais profissionais.

Sabe-se que não é fácil ser um profissional da educação, sobretudo no Brasil, em que a educação e a categoria não são reconhecidas como merecem. Porém, muitas pessoas ainda têm ideais e sonham em atuar nesse segmento, o que faz com que a esperança na educação se mantenha.

Entretanto, não basta apenas se formar em pedagogia ou áreas afins. O profissional da educação tem uma longa trajetória, marcada por estudos constantes, formações, encontros, discussões e mudanças em suas práticas, a fim de acompanhar a evolução social. Para isso, é de suma importância que esses profissionais realmente gostem do que fazem, queiram estar na área e realizem esse trabalho com dedicação.

Essa vontade de atuar na área faz toda diferença, conforme relata José:

Sou natural de Itatiba mesmo, cresci e estudei em todo período na rede pública de ensino. Sou formado em Odontologia e Pedagogia, mas sempre tive admiração pela escola, pela educação. Bom, mas voltando a escolarização, naquela época não se chamava fundamental, era primeiro grau né: primeiro grau e segundo grau. Estudei no grupo escolar Júlio César nesse período e depois fui estudar no MEB – Manuel Euclides de Brito até concluir, depois eu sempre quis ser professor, é uma coisa assim impressionante né, a escola me atraía muito né? esse mundo da escola então eu tinha

convicção que eu ia ser professor. Então eu queria ser dentista e queria ser professor, as duas coisas já eutinha isso aí já definido. Então fui fazer a minha primeira faculdade: fiz a faculdade de ciências matemática, daí conclui ciências matemática e depois, logo em seguida, já emendei e entrei na faculdade de odontologia, terminei a faculdade de odontologia sempre exercendo: dando aula e fazendo faculdade de Odonto. Depois eu terminei e fui fazer pedagogia, depois eu fiz mestrado em educação e dei início, conclui os créditos para o doutorado, mas eu cheguei passar no doutorado aqui como aluno regular, daí eu tinha uma bolsa, mas depois no dia quando eu fui efetivar a matrícula a prefeitura cancelou a bolsa, todas as bolsas foram canceladas aí eu acabei não dando sequência, mas essa foi essa minha parte né, na parte da educação, mas eu pretendo concluir o doutorado. Sempre minha vida toda lecionando em escolas particulares, lecionando em escolas do estado e escolas da prefeitura, depois eu resolvi prestar o concurso para diretor de escola, que eu prestei em 2008. Esse concurso foi um concurso “encantado” porque eu prestei e passei e quando eu ia assumir, eles cancelaram concurso daí nós podíamos fazer inscrição novamente para prestar. Daí eu prestei novamente e passei melhor ainda. Só que daí eles queriam cancelar pela segunda vez, só que aí falei: a terceira vez eu não vou prestar porque duas vezes cancelar já é muito né? mas graças a Deus deu certo já estou atuando e em 2010 já fui efetivado na rede Municipal, onde estou até hoje tendo passado por duas escolas. (José, Itatiba – 03/10/2020)

A fala do depoente deixa claro o quanto a escola foi importante para ele, pois sempre teve admiração pela escola e pela educação, o que o fez querer ser professor desde sempre. Mesmo se formando em ciências matemáticas – que também está ligada à educação e, Odontologia, ele sentiu a necessidade de estar mais ligado à educação, cursando Pedagogia, curso que abriu portas para que ele atuasse como professor e como gestor, além da especialização no Mestrado em educação.

No caso de Maria, há o relato de uma trajetória profissional exclusivamente voltada para a área da educação, tendo passado por diversas áreas:

Sou formada em Letras, Pedagogia, pós-graduada em Letramento, Alfabetização e Gestão. Estou na Educação desde 1994. Comecei como escriturária, porém já era formada no antigo magistério e fazia faculdade de Letras a noite. Em 1996 comecei a ministrar aulas de língua portuguesa em uma escola pública de Mauá, onde fiquei 14 anos como professora efetiva.

Ministrei aulas de língua portuguesa em uma escola particular de Mauá também por anos e em Itatiba gramática, redação e literatura no Colégio Objetivo. Fui professora efetiva de 1º ao 5º ano e coordenadora pedagógica em Itatiba. Entrei como diretora de escola designada Rede Municipal de Ensino em 2006; em 2014 assumi como Diretora efetiva nesta unidade escolar. (Maria, Itatiba – 21/10/2020)

Diferentemente de José, que possui vivência em outra área profissional, Maria atuou somente na educação, passando por vários segmentos, desde escriturária, professora efetiva, coordenadora pedagógica até chegar à gestão escolar.

As falas dos entrevistados deixam claro o quanto ambos querem estar na educação e se dedicam a ela com afinco, transitando por várias áreas, prestando concursos e atuando com dedicação, o que é de suma importância para o profissional da educação.

José relata uma profunda passagem, deixando evidente o quanto trabalhar na educação é importante para ele:

Hoje, se eu fosse colocar na ponta do lápis se eu fosse fazer cálculos mesmo em dinheiro, eu deixo de ganhar dinheiro, mas me realiza entendeu? Hoje, se eu ficasse só no consultório, dedicasse só no consultório minha vida profissional, eu ganharia muito mais do que ficando com diretor né? Mas é que pra mim é apaixonante estar na escola é uma coisa que eu gosto, me realiza, então eu prefiro perder um pouco dinheiro, mas me realizar do que ficar frustrado, ganhar muito dinheiro e ficar frustrado né? Então eu consigo conciliar as duas coisas e por isso que eu continuo né? E vou continuar por muitos anos na escola e dou aula também né? (José, Itatiba – 03/10/2020)

Tal passagem reforça o que foi citado no início do presente capítulo, de que, infelizmente, a educação ainda não é reconhecida como merece, pois os profissionais não são bem remunerados como nas demais profissões, e os que se propõem a ingressar nesse segmento devem fazer sem criar expectativas de um grande retorno financeiro.

Outro ponto convergente que merece consideração é a atuação de ambos na escola pública, local que para José faz parte do seu processo de escolarização e para Maria de atuação.

Tal afirmação fica evidenciada na fala de Maria, quando questionada sobre o porquê escolheu ser gestora, ela responde:

Acho que gosto do pedagógico, da garra de lutar pelo que acredito e acredito na educação, na diferença que faz quem trabalha pela escola pública, mas de qualidade e não por ser pública. Não vejo o aluno como um ser que precisa ser ajudado, mas que precisa ser acordado, mostrar a ele que tem asas e pode conquistar o que quiser, porque o conhecimento faz isso com as pessoas. Gosto dos desafios do dia a dia, quando um aluno chega na escola sabendo escrever só com o lápis e nós vamos aos poucos desenvolvendo o conhecimento nestes alunos, ou mesmo uma sala com vários alunos com dificuldades de aprendizagem e o desafio junto com toda equipe de construir, transformar o conhecimento, e isso não é sonho, vivemos isso na escola. (Maria, Itatiba – 21/10/2020)

Em relação ao papel de gestor, ambos relatam que gostam desse universo, conforme relatou Maria. Já para José, ser gestor é algo que acontece, amadurece, não é algo planejado:

Olha, eu acho assim, não é que a gente escolhe ser gestor parece que é uma coisa que você vai amadurecendo dentro do universo escolar, dentro da escola, você vai passando por tudo. De professor eu já pulei direto para gestor, eu não fui coordenador, eu não fui vice-diretor, eu não fui nada eu fui direto de professor, já pulei para cadeira de gestor. Mas, foi depois que eu fiz pedagogia e mestrado em educação, porque as duas, a pedagogia e o mestrado em educação, me abriram horizontes, visões do mundo escolar que até então, quando eu era só professor eu tinha uma visão muito restrita do que é o todo escolar né? (José, Itatiba – 03/10/2020)

Outro ponto convergente nas falas dos depoentes é a identidade que cada um dá a sua escola, o que fica muito evidente nas falas. Sobre essa identidade do gestor na instituição escolar, Oliveira (2003) destaca:

A construção da identidade é compreendida como um processo contínuo que ocorre no fluxo das atividades sociais. Mais do que instâncias estanques, as identidades precisam ser compreendidas dentro de relações carregadas de poder e, por isso mesmo, ser caracterizadas como relações de subordinação, cooperação ou competição, a depender do contexto e dos interlocutores. (OLIVEIRA, 2006, p. 553)

Portanto, conforme nos traz a autora, a identidade se consolida através das atividades sociais, e no caso dos gestores, trazem a relação de poder, subordinação que automaticamente os gestores possuem no cenário escolar por serem profissionais dotados de um cargo superior, mas ao mesmo tempo de subordinação, cooperação e competição.

Todos esses aspectos estão estampados nas falas de ambos os gestores, principalmente quando relatam:

Quem me conhece e trabalha comigo sabe como que é e eu me importo mesmo, sabe quando você veste a camisa? Quem me conhece lá na escola sabe, se eu tiver que varrer chão, ajudar a limpar e lavar, eu to lá ajudando, se tiver fazer uma reunião, eu faço, se tiver que ir dar aula que faltou o professor, eu vou e dou aula pra eles, se tiver que dar conselho, dou conselho, converso, converso com os pais. Então, eu acho assim, o gestor ele é responsável por tudo isso e ele tem que ter essa visão né? (José, Itatiba – 03/10/2020)

Estabelecendo regras claras, valorizando o professor, deixando bem claro para o aluno a importância da aprendizagem, circulando pela escola todos os dias, aberta para as ideias dos professores, alunos e funcionários e sempre ouvindo a comunidade escolar. Sempre com muito comprometimento, dedicação e acreditando na escola pública de qualidade. Acredito que os professores podem fazer a diferença na vida dos alunos e que estes poderão ser o que quiserem. Conversas diárias com os alunos sobre regras da escola, aprendizagem, autoestima e o mais importante está presente na escola. (Maria, Itatiba – 21/10/2020)

Sendo assim, ambos os gestores são atuantes e presentes na escola, participando dos trabalhos realizados, sempre com empenho e dedicação. Porém, como ponto divergente, destacamos a ideia “disciplinarizadora” presente nas falas de José, que diverge das falas de Maria, conforme relatado por ele:

[...] às vezes a pessoa pergunta assim: qual o segredo para você ter uma escola e para escola ir bem? Ela precisa ter disciplina e a disciplina não é aquela militar, de exército, não é isso. A disciplina que eu digo é assim, você ter um caminho, tem que nortear aquela escola, então aonde nós estamos e aonde nós pretendemos chegar, e isso tem que ficar bem claro e numa linguagem específica para todos os sujeitos escolares, tem que ficar claro para o pai do aluno, tem que ficar claro pro aluno, claro pros professores e pros funcionários e a equipe gestora sempre tem que estar afiada pra que essa linguagem que é esse caminhos que nós temos que seguir [...] (José, Itatiba – 03/10/2020)

Em diferentes passagens, o depoente deixa explícito que mesmo realizando um trabalho democrático, pautado na participação de toda a comunidade escolar, ele é um gestor disciplinarizador, ou seja, pauta seu trabalho nesse aspecto, cobrando, acompanhando, verificando pessoalmente, e até mesmo dando visto nos cadernos dos alunos, conforme ele mesmo relatou. Tal afirmação se evidencia quando ele se utiliza de termos como “eu tenho”, “eu faço”, “eu realizo”, como ele mesmo diz:

[...]hoje lá na escola tenho quase 800 alunos, então queira ou não, eu sou responsável por 800 alunos, então esses 800 alunos são minha responsabilidade, eu tenho 40 e poucos professores, eles são minha responsabilidade, eu tenho 25 funcionários e eles são minha responsabilidade, então é uma troca, eu tenho que me dedicar a eles, eu tenho que aprender com eles e eu tenho que servir a eles né? [...](José, Itatiba – 03/10/2020)

Em contrapartida, José traz um conceito muito rico sobre escola, chamado por ele de “aprendente”, conforme relata:

A escola aprendente é aquela que eu, dentro de uma sala de aula, enquanto professor, ou eu como coordenador ou gestor, ou como sujeito escolar, eu consigo conviver com aquele núcleo escolar e através da prática do dia a dia eu consigo aprender a escola: eu aprendo com o aluno, eu aprendo com a faxineira eu aprendo com todos para que eu possa ir me lapidando né? enquanto gestor e poder crescer para poder oportunizar um espaço que realmente seja construtivo, seja frutífero né? Para que possa ir plantando, dando condições do terreno fértil eu possa colocar a sementinha e possa ver germinar, seria assim, um futuro pedagógico e não só pedagógico para o aluno em nível de conteúdo, mas a nível humanístico também né? Que ele possa passar pela escola, que a escola seja aprendente, mas que ele possa em cima do que ele vai aprender, possa se desenvolver como ser humano também, que ele possa proporcionar depois essas mudanças para família dele para a sociedade, para ser um agente transformador por completo mesmo né? (José, Itatiba – 03/10/2020)

Para ele, a escola aprendente é aquela em que os sujeitos aprendem em conjunto, e para isso é essencial o diálogo, a conversa e a escuta do outro. Em conversa entre o pesquisador e o depoente durante a gravação sobre as diferentes características das escolas e

como elas trazem a imagem do gestor, José cita que naquele instante estava aprendendo algo novo, que ainda não havia pensado:

[...] e uma coisa interessante, agora que você falou eu estava refletindo, é aquilo que estávamos falando. Você percebe a escola aprendente? Por exemplo, o seu comentário agora me fez aprender e me fez refletir em algumas coisas que eu gostaria até de colocar. (José, Itatiba – 03/10/2020)

Isso reforça a ideia de como a entrevista narrativa proporciona momentos especiais e deixam o entrevistado à vontade para expor conteúdos que são de suma importância, captados através do diálogo e da confiança no trabalho do pesquisador.

Portanto, reconhecer o trabalho do gestor em meio à escola pública foi de grande valia, bem como seu olhar na realização das tarefas escolares, visando uma educação pública de qualidade e pautada da democracia participativa.

A seguir, apresentaremos as análises de como as relações dialógicas no ambiente escolar favorecem a construção de um espaço democrático.

5.2 As assembleias de classe e as relações dialógicas em prol de uma educação democrática.

Nesta seção, apresentaremos a análise realizada a partir das entrevistas com os gestores, na perspectiva das relações dialógicas e a possível utilização das assembleias de classe como um recurso na construção de um ambiente escolar mais democrático.

Falar em diálogo no ambiente escolar é, acima de tudo, entender o outro como um sujeito em transformação, respeitando sua história e seu contexto, afinal, a escola é um local heterogêneo, e todas as diferenças devem ser consideradas.

Segundo Bakhtin:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2012, p. 117)

Portanto, percebe-se a importância e as concepções de diálogo que estão presentes nos conceitos bakhtinianos, principalmente quando relacionamos tais ditames em ambientes que

favoreçam o dialogismo, o discurso e a interação verbal na busca pela construção de espaços mais democráticos. E, sem dúvida, um dos primeiros ambientes que podem realizar essas ações é a escola.

Por meio da fala, ou “enunciação”, o sujeito se depara com múltiplas vozes carregadas de ideologias que, ao se encontrar com essa voz, faz com que ele se constitua como um sujeito, respeitando o contexto histórico e social desse locutor.

Ademais, para Paulo Freire, o diálogo apresenta duas dimensões: ação e reflexão. Em síntese, para o autor não existe palavra que não seja práxis, sendo a palavra um dos recursos mais importantes para transformar o mundo, sobretudo, a educação. Para Freire (2010), o diálogo é elemento humanizador e transformador:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. [...] É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro (FREIRE, 2010, p. 91)

Sendo assim, o autor defende a educação humanizadora como forma de libertação da alienação que ainda insiste em imperar nas escolas, o que o Freire (1980) chama de “educação bancária”, que nada mais é do que formar mão de obra para o mercado do trabalho, sendo irrelevante o respeito, o diálogo e a consideração dos diferentes sujeitos.

Ao analisarmos os dois autores, bem como as entrevistas realizadas com os gestores, fica evidente o quanto eles os entrevistados realizam seu trabalho pautados nesses ideais, sobretudo, transformadores, em prol de uma educação democrática.

Questionado sobre o que entende como escola democrática, José nos relata que:

A escola democrática é aquela escola que ela não só procura abrir espaço para o diálogo, não só você falar, em que ser uma via de mão dupla. Eu tenho que direcionar os encaminhamentos para os alunos, para os professores, para os pais, para os funcionários. Porém, eu tenho que ter uma outra mão que possa e existir completar esse diálogo. Hoje eu percebi que eu procuro mais ouvir do que falar, porque assim eu aprendo mais quando eu ouço o outro, sabe? Quando eu ouço o aluno, os pais, e toda a equipe escolar. O caminho para a escola democrática é tentar aprender a ouvir mais, por que ouvindo você vai entendendo mais o outro e você vai conseguindo

fazer com o outro entenda sua percepção de gestão. A partir do momento que eu não estou deixando o outro se expressar, além de eu não estar sendo democrático, eu não to influenciando nada pra que o outro possa estar entendendo o que eu estou fazendo e eu possa estar entendendo o questionamento dele (José, Itatiba – 03/10/2020).

A fala do gestor carrega a ideia de dialogismo que Bakhtin (2010) trazida anteriormente, ou seja, dar ao outro a oportunidade do diálogo, da fala, respeitando seu contexto, para que juntos construam um ambiente mais democrático.

Já para Maria, uma escola democrática se constitui:

A Gestão Democrática é um conjunto de atitudes e ações que supõe a participação social, toda a comunidade escolar (professores, alunos, pais, direção, equipe pedagógica e demais funcionários). Sim, eu acredito a escola seja, apesar de achar que a gestora é ansiosa e gosta muito de fazer coisas diferentes, todavia ela chama os professores e evolue o grupo nas decisões do que e como fazer. Não costumo centralizar as decisões em mim, sempre que vem algo da Secretaria da Educação distribuo para as pessoas certas ou professor que dão conta do recado muito bem. A autonomia para as pessoas trabalharem tem sido o segredo (Maria, Itatiba – 21/10/2020).

Mesmo não deixando totalmente claro a ideia de dialogismo, evidenciamos tal conceito através da abertura da participação social, o que de certa maneira, dá voz e vez a comunidade escolar, fazendo com que o diálogo seja exercido em sua escola.

Nesse aspecto, as falas dos gestores demonstram o quanto é imprescindível o diálogo entre os diferentes sujeitos no ambiente escolar, para que assim, a escola possa realizar seu trabalho educativo de maneira significativa e alcance seus objetivos.

Além de abrir o espaço escolar para o diálogo, os gestores foram questionados como os alunos participam das tomadas de decisões, a fim de verificar se a prática apresentada por eles realmente é colocada em prática. José nos relata que:

Bom, são vários sentidos né? Por exemplo: quando a gente vai organizar um evento, a gente já começa a contar pra eles antes, pra que eles nos ajudem na organização. O que a gente percebe: se a equipe gestora pega os professores e equipe e organiza um evento e não dá certo ou que não sai do agrado deles, eles dizem “Ah mas quem fez foi a equipe gestora, os professores, a gente não queria isso”, ou então “eu não

gostei, da próxima vez eu não vou participar”. Então a gente procura chamar para participar: os alunos, o grêmio estudantil que ajuda na organização coletando ideias deles e a gente vai somando várias mãos juntas consegue fazer muito mais coisa do que uma mão sozinha. Quem são os parceiros: professores, equipe gestora, os alunos e até muita das vezes os pais. É muito boa essa parceria, quando você ouve tudo, e que eles vão ajudando dar esse ajuste especial. Isso é muito importante, então, eles se sentem valorizados quando você chama eles para participarem de tudo, eles se sentem valorizados, e esse processo vai dando uma maturidade tão grande, tão grande neles que em vários outros momentos, depois que nós começamos perceber esse protagonismo, através dessa parceria(José, Itatiba – 03/10/2020).

Tal afirmação converge com o que nos relatou a gestora Maria, que trouxe, além do que pensa, exemplos de como os alunos participam das tomadas de decisões em sua escola:

Eu sempre achei que o belo atrai o belo e fazer com que os alunos sintam que a escola é deles e que eles têm que cuidar e zelar pelo que é deles faz com que se sintam responsáveis e comecem a pensar no que fazer para conservar ou trazer algo novo, quando entrei aqui, ouvi muitas vezes para não fazer que iam quebrar ou destruir. Os banheiros das meninas têm uma cesta com creme para as mãos, desodorante, lixa para as unhas, perfume, creme para as mãos e absorvente higiênico e a ideia veio delas. Muitas vezes nós nem pensamos e os alunos trazem a ideia de fazer alguma coisa. No dia dos professores, por exemplo, o café proporcionado aos professores foram eles acompanhados dos pais que deram, achamos maravilhoso. Nos surpreendemos e aceitamos, lógico, com muita prudência, mas não dissemos não, pois temos um grêmio muito atuante que acompanha tudo de perto. É esse grêmio que cuida do horário do hino, do interclasse, verifica a limpeza das salas e os gastos da APM, muita autonomia e distribuição de trabalho(Maria, Itatiba – 21/10/2020).

Destacamos nas falas apresentadas, a participação dos grêmios estudantis, como um dos grupos de maior participação no ambiente escolar, que de certa maneira, é o porta voz dos demais alunos, ajudando a escola nas diferentes demandas, o que reforça a ideia de democracia participativa.

A análise das falas dos depoentes vai ao encontro da teoria sobre gestão participativa, que, segundo Libâneo,

as escolas podem traçar seu próprio caminho envolvendo professores, alunos, funcionários, pais e comunidade próxima que, se tornam co-responsáveis pelo êxito da instituição. É assim que a organização da escola se transforma em instância educadora espaço de trabalho coletivo e aprendizagem. (LIBÂNEO, 2001, p. 115)

Ambos os gestores realizam seu trabalho pautados na participação ativa dos alunos, bem como de toda a comunidade escolar, o que se estende para fora dos muros na escola, chegando até as famílias, que passam a acreditar mais na escola, pois sentem-se pertencentes ao trabalho ali realizado.

Por fim, questionados se em suas escolas há o trabalho com as assembleias de classe, os gestores divergiram em suas respostas:

Nós temos uma reunião que acontece de 15 em dias. Então, no começo do ano letivo com os professores fazem uma votação, nós passamos o perfil para os professores e como nós queremos e que qual é o perfil que o representante de sala tem que ter, daí os professores fazem uma votação e os alunos que possuem esse perfil, é feito uma eleição na sala de aula com os alunos votando para escolher os representantes. Esses representantes vão representar aquela turma o ano todo, participando do conselho de classe de final de período escolar. Esses alunos, a cada 15 dias eu chamo na minha sala, sento com eles, porque daí os problemas que acontecem na sala, os alunos levam para os representantes e eles são o porta-voz comigo. Então eu sempre começo e pergunto os problemas da sala, com os alunos e tudo. Depois eu pergunto os problemas com os professores, pergunto como é a aula do professor, como o professor age com eles, se o professor escuta, dá devolutiva, se o professor dá o roteiro da aula. Depois eu pergunto como é a relação deles com os funcionários, inspetores, se estão desempenhando a função, pergunto sobre a merenda, o que eles estão achando, se estão gostando da comida, se as merendeiras os respeitam, depois pergunto sobre limpeza de banheiros, corredores, tudo. Daí eu pergunto da equipe gestora, e eles são abertos, fazem críticas, trazem tantas observações, que ajudam tanto a gestão (José, Itatiba – 03/10/2020).

Existe o trabalho com assembleias de classe e funciona da seguinte maneira: a coordenadora pede ao professor que faça um relatório da sala que é representante e ao mesmo tempo vai as salas de aula ouvir os alunos. Copilamos os relatórios e levamos, acompanhado dos gráficos de notas e cada sala, para a reunião de conselho de sala. Neta reunião estão presentes os professores e representantes de sala que poderão opinar ao ouvir os relatórios dos professores.

Após a reunião do conselho a equipe gestora reúne os alunos por ano/série no pátio, utiliza a mesma pauta que utilizou com os professores, coloca os gráficos comparativos entre as salas e chama os alunos que compareceram a reunião do conselho para colocar aos outros alunos o que foi falado na reunião, como a sua sala está e o que tem que fazer para que avance.

No dia da Reunião de pais utilizamos partes da pauta para dar o mesmo retorno aos pais, utilizamos as assembleias para colocar os pais cientes do que acontece na escola. Além da assembleia de classe temos também uma caixinha de sugestões, que não precisam se identificar e a sala da direção que fica sempre aberta para conversar ou sugestões (Maria, Itatiba – 21/10/2020).

Portanto, evidenciamos que as assembleias de classe são aplicadas somente na escola da gestora Maria, uma vez que, na escola de José, existe um trabalho similar, mas não segue os procedimentos metodológicos de assembleia.

Mesmo divergentes, ambos os gestores trabalham com a ideia de democracia em suas escolas, reforçando a participação dos alunos nas tomadas de decisões e construindo uma escola significativa para eles e para toda a comunidade escolar.

Então, fica evidenciado que existem diferentes maneiras de se construir um ambiente escolar mais democrático, não sendo somente com a utilização das assembleias de classe, mas através de diferentes recursos que visam o desenvolvimento integral do aluno, por meio desses trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente trabalho foi de grande valia para compreender o quanto um ambiente escolar democrático pode ser construído de diversas maneiras, seja através das assembleias de classe, como por outros processos.

Pensar em uma educação libertadora, conforme Freire (2006), requer uma mudança de paradigma e uma visão humana, sobretudo, dos profissionais que assumem a gestão escolar. É compreender e respeitar os diferentes sujeitos, respeitando seu contexto social, cultural e aquisitivo, dando a eles a oportunidade de se desenvolverem integralmente como cidadãos aptos a participarem da vida em sociedade, conscientes do seu papel.

Conhecer o trabalho dos gestores possibilitou ao pesquisador compreender o quanto as escolas são reflexos da gestão, podendo ser exemplos ou não, a depender da disposição e da identidade que o profissional carrega em si.

As entrevistas foram importantes recursos que trouxeram não só a atuação, mas também, os seres humanos por trás do papel de gestor, quais suas ideias, ideologias e perspectivas sobre a educação.

Portanto, ficou evidenciado que as assembleias de classe são recursos facilitadores do trabalho democrático, porém, não são isolados, podendo se utilizar de diversos recursos que busquem o mesmo ideal e que fazem a escola um ambiente mais significativo para toda a comunidade escolar.

A temática é ampla, e requer inúmeras análises e aprofundamentos, bem como a possibilidade de conexões com diversas áreas do conhecimento e, portanto, novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (Volochivov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª. Trad. M. Lahud, Y.F.Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012

BARROS, D.L.de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo, EDUSP, 1994.

COSTA, Liliane Martins; FICO, Marlisa Alagia de Oliveira. A gestão escolar democrática baseada na obra de Paulo Freire. **Revista da Jornada de pós-graduação e pesquisa**. 14ª edição. Set. 2017. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/Usuario/Meus%20documentos/Downloads/625-1940-1-PB.pdf>. Acesso em: novembro 2019.

FORMIGONI, Beatriz de Moraes Salles. **Da idade média a idade moderna: um panorama geral da história social e da educação da criança**. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/viewFile/9523/6313>. Acesso em: 02 de novembro de 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Armed, 2009.

FREIRE. Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980

_____. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, Maria T.A.(org.). **Educação, Arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2013

GADOTTI, Moacir. Perspectivas Atuais da Educação. **Revista São Paulo Perspectiva**. Vol.14. Nº2. São Paulo, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002. Acesso em: 03 de novembro de 2019.

GERALDI, J.W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: **Educação, Arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2013.

JACOMELI, M. R. M. A lei 5.692 de 1971 e a presença dos preceitos liberais e escolanovistas: os estudos sociais e a formação da cidadania. In: **HISTEDBR On-line**, Campinas, nº39, p.76-90, set. 2010. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/39/art04_39.pdf. Acesso em: Nov. 2019

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (org). **Pesquisa qualitativa como texto, imagem e som: Um manual prático**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015, p. 90-113

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. (org.). Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p.547-571,2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0336129.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

SAVIANI, D. Educação; VILA LOBOS, J.**Diretrizes**.Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art39. Acesso em Nov.2019

SILVA, Mônica Ribeiro. Educação formal do cidadão. **Educação em revista**, n.11, Curitiba – Jan. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601995000100018. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222

TOGNETTA, L.R.P. VINHA, P.T. Quando a escola é democrática: Um olhar sobre a prática das regras e assembleias de classe na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007